

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

9 Dez 2016
21:00 Sala Suggia

—
ANO RÚSSIA

Stefan Blunier *direcção musical*

Raúl da Costa *piano*

1ª PARTE

Anatol Liadov

Kikimora, op. 63 (1910; c.8min.)

O Lago Encantado, op. 62 (1909; c.7min.)

Baba-Yaga, op. 56 (1904; c.4min.)

Sergei Rachmaninoff

Concerto para piano e orquestra n.º 4
em Sol menor, op. 40

(1926, rev.1941; c.25min.)

1. *Allegro vivace*
2. *Largo* –
3. *Allegro vivace*

2ª PARTE

Sergei Prokofieff

Sinfonia n.º 3 em Dó menor, op. 44

(1928; c.35min.)

1. *Moderato*
2. *Andante*
3. *Allegro agitato*
4. *Andante mosso* – *Allegro moderato*

Integral dos Concertos para piano de Rachmaninoff

Integral das Sinfonias de Prokofieff



casa da música



Maestro Stefan Blunier
sobre o programa do concerto

<https://vimeo.com/194531274>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

reseo
RESEÇÃO DE ENSEMBLES
DE MÚSICA DE CÁMARA

REMA
RESEÇÃO DE MÚSICA
DE CÁMARA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO
EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Anatol Liadov

SÃO PETERSBURGO, 11 DE MAIO DE 1855

POLINOVKA (NÓVGOROD), 28 DE AGOSTO DE 1914

Kikimora; O Lago Encantado; Baba-Yaga

Os três poemas sinfónicos de Anatol Liadov que integram este programa são representativos do pendor deste compositor para formatos musicais de curta dimensão. Entre as obras que nos deixou predominam as miniaturas para piano, mas também compôs algumas obras orquestrais; em ambos os casos a utilização de títulos de carácter programático está frequentemente associada a temas da sua Rússia natal. Desta forma, e também através da inspiração da música tradicional, Liadov partilha de algumas tendências dominantes da sua época, nomeadamente a valorização da cultura russa e das suas tradições orais e musicais. Demonstra, portanto, algumas afinidades com os compositores do chamado Grupo dos Cinco (Mili Balakirev, César Cui, Modest Mussorgski, Nikolai Rimski-Korsakoff e Alexander Borodin) e com a sua perspectiva nacionalista de composição. Liadov esteve também associado na década de 1880 ao círculo de Mitrofan Belyayev, um mecenas russo que protegeu e incentivou a edição e realização de concertos de música russa de cariz nacionalista. O percurso e obras de Liadov, no entanto, revelam em certos aspectos uma trajectória mais conservadora em relação aos seus colegas do Grupo dos Cinco, a que não seria alheio o facto de, na sequência de estudos formais de piano, violino e composição no Conservatório de S. Petersburgo, se ter tornado um pedagogo de renome nessa instituição.

Ironicamente, o seu nome acabou por se tornar mais conhecido por ter sido convidado pelo director dos *Ballets russes*, Sergei

Diaghilev, a compor a música para o bailado *O Pássaro de Fogo*, e por não ter cumprido essa tarefa. O convite foi transferido para o jovem Igor Stravinski, a quem o sucesso desta obra, estreada em 1910, viria a lançar no caminho da fama. Embora a justeza desta história seja contestada por alguns estudiosos, acabou por marcar a reputação deste compositor, que foi frequentemente acusado de preguiça e insegurança pelos seus contemporâneos e alunos.

Kikimora (op. 63), *O Lago Encantado* (op. 62) e *Baba-Yaga* (op. 56) são provavelmente as obras pelas quais Liadov é hoje mais conhecido. Terão sido compostas em datas bastante próximas, numa fase tardia da sua carreira: *Baba-Yaga* nos primeiros anos do século XX, *O Lago Encantado* em 1909 e *Kikimora* em 1909-1910. Tanto *Baba-Yaga* como *Kikimora* foram inspiradas por personagens dos contos tradicionais eslavos. *Kikimora* era descrita como uma pequena bruxa travessa e malévola que se esconde nas casas dos humanos e os atormenta e assusta, especialmente durante a noite, quando os quer castigar. *Baba-Yaga*, uma personagem que inspirou também uma das peças de piano de *Quadros de uma Exposição* de Mussorgski, é também uma bruxa de apetite desmedido, que vive numa cabana assustadora na floresta. O carácter evocativo da música de Liadov encontrou um veículo ideal nestas histórias de fantasia.

Em *Kikimora*, a que Liadov acrescentou o subtítulo 'Lenda', encontramos a representação do sobrenatural logo na densidade dos sons graves da secção inicial, que dão lugar a uma melodia melancólica no corne inglês, alternando com passagens em *tutti* de cariz tenso. O carácter sobrenatural é reforçado pela utilização da celesta. Segue-se uma secção mais rápida que sugere, através da agitação

crescente da orquestra, o carácter malévolo da bruxa e os sons estridentes e repetitivos que emite para assustar os humanos. Ao clímax final sucede-se uma pausa brusca, e a bruxa desaparece num ponto final de flautim.

O subtítulo 'Lenda' foi também acrescentado à partitura de *O Lago Encantado*, mas o compositor, neste caso, não identificou a história. Numa carta a um amigo aludiu apenas a uma representação das estrelas reflectidas na profundidade da água, e de facto esta obra assume-se como uma imagem expressa através de cores orquestrais. A calma e a imobilidade são reforçadas por notas reiteradas de tessitura grave, por solos contemplativos distribuídos por instrumentos dos vários naipes da orquestra e pela utilização dos sons feéricos da celesta e da harpa, complementados pela filigrana dos acompanhamentos das flautas.

Baba-Yaga assume no seu subtítulo a ligação directa aos contos tradicionais: 'Quadro musical a partir de um conto popular russo'. Nesta curtíssima obra (a sua duração total não chega aos 4 minutos), o carácter irascível da bruxa é transmitido por uma orquestração cuidada, com efeitos que sugerem alguns dos traços que lhe são associados: os ventos furiosos que a transportam, expressos através de motivos rápidos – quase *glissandi* – nas cordas, os ritmos reiterados e obsessivos, o realce dado a instrumentos de tessitura grave, o seu desaparecimento brusco, em *pianissimo*, no final.

Sergei Rachmaninoff

ONEG (NOVGOROD), 20 DE MARÇO DE 1873

BEVERLY HILLS, 28 DE MARÇO DE 1943

Concerto para piano e orquestra n.º 4 em Sol menor, op. 40

Os concertos para piano e orquestra de Sergei Rachmaninoff constituíram um veículo privilegiado para a demonstração não apenas do seu talento como compositor, mas também do seu extraordinário virtuosismo enquanto intérprete. Gozou de particular popularidade nas décadas de 1920 e 1930, e parte do seu apelo junto do público derivava da sua combinação particular de virtuosismo do piano com a faceta de compositor contemporâneo que prolongava ao séc. XX a grande tradição romântica de finais do séc. XIX, nomeadamente no que diz respeito ao repertório pianístico. Este facto granjeou-lhe bastantes críticas, particularmente a partir da década de 1940. Não obstante ter composto em géneros variados, incluindo ópera, música coral, orquestral e vocal, a sua associação ao piano prevaleceu para a posteridade em detrimento da restante produção.

A composição dos concertos para piano e orquestra, embora estes sejam em pequena quantidade (compôs quatro concertos e, para a mesma formação, a *Rapsódia sobre um Tema de Paganini*), ocupou uma parte significativa da carreira de Rachmaninoff. Revia com frequência as suas obras, prolongando o processo de composição no tempo de forma invulgar. Assim, se considerarmos as datas de composição do seu 1º Concerto para piano (1890-1891) e a data de revisão do 4º Concerto (1941), é evidente que Rachmaninoff dedicou uma atenção particular, mesmo que por períodos delimitados, ao género.

Na sequência do sucesso dos Concertos n.ºs 2 e 3, o compositor já teria planos para a composição de um 4º Concerto em 1914, mas a instabilidade na Europa durante a I Grande Guerra, os seus compromissos enquanto pianista, assim como a decisão de deixar definitivamente a Rússia em 1917 terão adiado essa tarefa. Apenas entre 1925 e 1926, um período menos ocupado com concertos, conseguiu concentrar-se na composição desta obra. Insatisfeito com o resultado final, que considerou demasiado longo, efectuou várias alterações e cortes antes da estreia em Filadélfia, nos EUA, em Março de 1927. A recepção da crítica não foi favorável, o que levou o compositor a efectuar alterações adicionais antes de publicar a obra. Acabou, no entanto, por a retirar do seu repertório, aguardando nova oportunidade de revisão, que ocorreu apenas em 1941.

Contrariamente aos dois concertos precedentes, o 4º Concerto apresenta o piano de forma mais integrada em relação à orquestra, não incluindo solos destacados nem cadências para o instrumento. Este Concerto integra materiais pré-existentes, já que o tema do *Allegro vivace* inicial foi adaptado de um estudo para piano do próprio Rachmaninoff; a versão original integrava também o canto medieval do *Dies irae* em várias secções. No *Allegro vivace* encontramos alguns dos traços característicos da escrita de Rachmaninoff para piano, nomeadamente a alternância entre secções de acordes poderosos e a delicadeza das passagens rápidas e virtuosísticas em escalas e arpejos, sempre em diálogo com instrumentos da orquestra. No *Largo*, esse diálogo entre o piano e a orquestra torna-se ainda mais patente, reforçando o cariz expressivo das melodias. O *Allegro vivace* final marca o regresso ao tipo de escrita virtuosística do primeiro andamento, mas aqui marcado pela leveza e algum humor.

Sergei Prokofieff

SONTSOVKE (UCRÂNIA), 23 DE ABRIL DE 1891

NIKOLINA GORA (MOSCOVO), 5 DE MARÇO DE 1953

Sinfonia n.º 3 em Dó menor, op. 44

A paixão de Sergei Prokofieff pelo género operático levou-o a iniciar, em 1919, a composição de uma ópera sem ter recebido qualquer encomenda nesse sentido. O seu interesse pela tarefa está patente no tempo de trabalho que lhe dedicou: foi terminada quatro anos depois, em 1923, mas o compositor decidiu efectuar revisões mais tarde, em 1926 e 1927. Essa ópera, intitulada *O Anjo de Fogo*, nunca foi apresentada na íntegra ou em versão encenada em vida do compositor. Baseado num romance do autor russo Valery Bryusov (1873-1924), o enredo, de características simbolistas, situa-se no séc. XVI e desenvolve uma trama de contornos esotéricos e ocultistas em redor de uma história de amor, ciúme e tensão sexual. A composição da ópera coincidiu com um período particularmente conturbado da vida de Prokofieff: na sequência da Revolução russa de 1917, decide mudar-se para os EUA em 1918, aí se fixando até 1922, altura em que regressa à Europa, passando a residir sobretudo em Paris até 1936.

Não obstante o sucesso profissional de que gozava na Europa, como compositor e pianista, a impossibilidade de levar *O Anjo de Fogo* a palco manteve-se. Na sequência de uma apresentação em versão de concerto do II Acto em Paris, em Junho de 1928, Prokofieff, ciente da qualidade da música, decidiu usar o seu material na elaboração de uma obra sinfónica. Essa decisão está registada numa carta que enviou a Nikolai Miaskovski em Outubro de 1928: “As suas instruções insistentes no sentido de fazer a partir de *O Anjo de Fogo* não uma suite,

mas a minha 3ª Sinfonia, revelaram-se pertinentes: foi o que decidi fazer – e estou muito satisfeito com o projecto. A vantagem maior de criar uma sinfonia é que, enquanto compunha, fui trabalhando o material com muito mais cuidado do que se partisse a ópera em pedaços para fazer uma suite. Asafiev afirma que não é uma sinfonia feita a partir de uma ópera, mas uma ópera e uma sinfonia, usando ambas o mesmo material”.

A ligação de conteúdos musicais entre a ópera e a sinfonia, estreada em 1929, foi sempre assumida por Prokofieff, que não concordava, no entanto, com a possibilidade de se estabelecer uma ligação programática entre ambas. A intensidade dramática da 3ª Sinfonia é o ponto de ligação mais óbvio, contrastando esta característica com o humor e escrita de raiz clássica presente em outras obras do compositor, e que se tornou um dos traços mais associados ao seu estilo.

O *Moderato* inicial, que o próprio Prokofieff considerava o andamento mais importante, inicia-se com uma secção de grande densidade e tensão, marcada pelo uso das percussões. A calma que se segue leva à introdução de um dos temas principais do andamento, nas trompas e cordas, associado na ópera a uma personagem principal, Renata, e à sua obsessão pelo anjo. A justaposição de temas melódicos adaptados da ópera é aliás uma das técnicas mais presentes na estrutura deste andamento, assim como o pendor fortemente rítmico habitualmente associado à música de Prokofieff.

A melodia inicial do segundo andamento, *Andante*, inclui material do prelúdio do último acto da ópera, associado a uma cena num convento, o que poderá explicar a escrita de estilo coral, inicialmente confiada apenas às cordas. Os efeitos orquestrais reforçam a

calma implícita nas texturas orquestrais leves e diáfanas, realçadas pelo uso de recursos como *glissandi* agudos nas cordas.

O *Allegro agitato*, não obstante a sua leveza a nível de orquestração, regressa ao tom febril do início da Sinfonia, e aqui os *glissandi* das cordas são usados para sugerir uma dança descontrolada e arrebatada. Embora não seja intitulado de ‘scherzo’, como frequentemente ocorre no formato da sinfonia, este andamento apresenta uma estrutura tripartida semelhante, já que inclui uma secção intermédia expressiva e contrastante a anteceder o regresso do tema arrebatado inicial.

O *Andante mosso* – *Allegro moderato* final reutiliza materiais melódicos do andamento inicial, dando-lhes um tratamento episódico em sucessiva justaposição: do início imponente e ritmado a uma secção mais calma, desenvolve-se seguidamente uma agitação crescente que leva aos acordes do clímax final.

HELENA MARINHO, 2016

Stefan Blunier *direcção musical*

Em Julho de 2016, Stefan Blunier dirigiu uma performance memorável de *Von deutscher Seele* de Hans Pfitzner em Bona e da Nona Sinfonia de Mahler em Toblach, em concertos de despedida do seu cargo enquanto Director Geral de Música da Orquestra Beethoven de Bona e da Ópera de Bona. Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, conseguiu atrair as atenções de toda a Alemanha para a Ópera de Bona. Ambas as produções foram gravadas editadas em CD pela Dabringhaus & Grimm e conquistaram dois prémios ECHO Klassik para “disco de ópera do ano” (2011 e 2012), tendo *Irrelohe* conquistado também o Prémio da Crítica Alemã 2012.

Entre os compromissos de Stefan Blunier para 2016/17 inclui-se a direcção de *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt e novas produções de *Wozzeck* no Grande Teatro de Genebra e de *Lorely* de Catalani no Festival St. Gallen. Durante a temporada dirige concertos em Leeds, Estugarda, Quioto, Bratislava, Budapeste e Malmö.

Iniciou a temporada de 2015/16 com uma nova produção de *Benvenuto Cellini* de Berlioz na Ópera de Bona, e prosseguiu com uma nova produção de *Hoffmanns Erzählungen* pelo encenador Barrie Kosky na Komische Oper de Berlim. Apresentou-se em concerto em Aalborg, Mannheim, Estugarda, Milão, Glasgow e Bruxelas. Concluiu a gravação da integral das Sinfonias de Beethoven com a Orquestra Beethoven de Bona, que dirigiu em importantes salas tais como a Philharmonie de Colónia, Concertgebouw de Amesterdão e Großes Festspielhaus de Salzburgo, e em digressões na China e Estados Unidos. A impressionante discografia com obras raramente

interpretadas de Anton Bruckner, Franz Liszt e Franz Schmidt testemunham a bem sucedida colaboração entre Stefan Blunier e a “sua” Orquestra Beethoven de Bona.

Após a sua estreia aclamada com *Daphne* na Ópera de Frankfurt em 2013/14, Stefan Blunier foi de imediato convidado para dirigir *Tristão e Isolda* e aí regressará numa das próximas temporadas. Após estreias na Ópera de Zurique e na Ópera Norueguesa de Oslo, regressou a esta última em 2014/15 para dirigir *Os Contos de Hoffmann*.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Estugarda e as principais orquestras da Dinamarca, Bélgica, Itália, Suíça e França. Colaborou com as mais importantes casas de ópera de Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Berlim, Montpellier e Berna, e ainda com a English National Opera em Londres e Festival Schwetzingen.

Natural da Suíça, Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção em Berna e na Escola Superior Folkwang em Essen. É fundador do Ensemble para a Nova Música de Essen.

Raúl da Costa *piano*

Raúl da Costa nasceu na Póvoa de Varzim em 1993, onde iniciou os estudos musicais aos 7 anos de idade com Luís Amaro de Oliveira e Emília Coelho. Ingressou posteriormente na Academia de Música S. Pio X em Vila do Conde, onde estudou com Álvaro Teixeira Lopes.

Desde muito novo é presença recorrente em importantes palcos nacionais. Participou com sucesso em festivais internacionais como o Festival de Música de Sant Pere de Rodes (Espanha), Dias da Música em Lisboa, Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim, Madeira Liszt Festival, “Homage à Yehudi Menuhin” em Paris, além de outros palcos na Alemanha, França, Polónia, Inglaterra e Áustria.

Aos 12 anos de idade fez a sua estreia com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, interpretando o Concerto de Carlos Seixas. Em 2010 abriu o Ciclo de Piano da Casa da Música, num recital em que fez a estreia mundial de *Música festiva n.º 14, “Para as bodas de Ivo Machado”* de Fernando Lopes-Graça. Foi distinguido por quatro vezes pela “Melhor Interpretação de obra portuguesa”, nomeadamente de Luiz Costa, Eduardo Patriarca, Amílcar Vasques Dias e António Victorino d’Almeida.

Com um repertório que se estende de Bach a Zimmerman, a música de câmara ocupa um lugar importante na actividade de Raúl da Costa, colaborando com Aleksey Shadrin, Bruno Monsaingeon e Raquel Camarinha. Como solista, salientam-se as colaborações com Javier Viceiro, Theodore Kuchar e Joseph Swensen, a par de orquestras como a Sinfónica do Porto Casa da Música ou a Orquestra Filarmonica Janáček.

É detentor de 1^{os} prémios em diversos concursos nacionais e internacionais,

destacando-se o Concurso Internacional de Piano em San Sebastián, Concurso Scriabin em Paris, Concurso de Santa Cecília no Porto e Concurso Young Pianist of the North em Newcastle (Inglaterra), onde à conquista do 1^o prémio se juntou o título de “Young Pianist of the North”. Com apenas dezasseis anos, foi premiado no 1^o Concurso da União Europeia, em Praga, onde foi representar Portugal. Recebeu também, em 2016, o 1^o prémio e todos os prémios especiais do concurso internacional ZF-Musikpreis. Trabalhou com mestres como Dmitri Bashkirov, Karl-Heinz Kämmerling, Galina Eguiazarova, Tatiana Zelikman, Lev Natochenny, Bernd Goetzke, Roger Muraro, Boris Berezovsky, Maria João Pires e Miguel Borges Coelho. Orientou masterclasses de piano na Guarda e em Chaves. Foi bolseiro da Yamaha Musical Foundation of Europe, da Yehudi Menuhin Live Music Now Foundation e actualmente da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em 2011 iniciou os estudos na Hochschule für Musik, Theater und Medien, em Hannover, na classe do reconhecido professor e pedagogo Karl-Heinz Kämmerling, com quem permaneceu até ao final dos seus dias, tendo sido um dos seus últimos e mais próximos alunos. Fez também parte do corpo docente desta prestigiada universidade, e actualmente integra a classe de piano do professor Bernd Goetzke.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa Da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Leopold Hager, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Ana Bela Chaves, Sequeira Costa, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Cyprien Katsaris, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Simon Trpčeski ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann, a que se juntam em 2016 os nomes de George Aperghis e Heinz Holliger.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid,

Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha, Maria João, David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor. Em 2016 apresenta uma nova encomenda a George Aperghis em estreia nacional e as integrais das Sinfonias de Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

James Dahlgren*
Radu Ungureanu
Tünde Hadadi
Ianina Khmelik
Emília Vanguelova
Vladimir Grinman
Andras Burai
Maria Kagan
José Despujols
Roumiana Badeva
Alan Guimarães
Vadim Feldblioum
Ana Madalena Ribeiro*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Mariana Costa
Paul Almond
Domingos Lopes
Vitor Teixeira
Nikola Vasiljev
Jorman Hernandez*
José Sentieiro
Clara Badia Campos*

Viola

Joana Pereira
Anna Gonera
Hazel Veitch
Jean Loup Lecomte
Biliana Chamlieva
Francisco Moreira
Emília Alves
Luís Norberto Silva
Theo Ellegiers
Rute Azevedo

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Michal Kiska
Gisela Neves
Bruno Cardoso
Sharon Kinder
Hrant Yerosyan
Aaron Choi
Miguel Fernandes*

Contrabaixo

Carlos Mendez*
Nadia Choi
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Slawomir Marzec
Augustinas Treznickas*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Beatriz Baião*

Oboé

Tamás Bartók
Rafael Sousa*
Roberto Henriques*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Gergely Suto
João Moreira*

Fagote

Gavin Hill
Pedro Miguel Silva
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Luís Duarte Moreira*
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva

Trompeta

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Rui Pedro Alves*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan
Emanuela Nicolici*

Celesta

Luís Filipe Sá*

*instrumentistas convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AGEAS PORTUGAL,

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCHS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

SDC INVESTIMENTOS SGPS, S.A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PHAROL, SGPS, S.A.

PORTO EDITORA, S.A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

DELOITTE

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

RAR

NEW COFFEE

PATHENA / IZS

PRIMAVERA BSS

LUCIOS

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

MDS Global Insurance
& Risk Consultants

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

